

## ESPAÇOS EM DISPUTA: AS IMPRESSÕES DE UM VIAJANTE ARGENTINO SOBRE A FRONTEIRA BRASIL-ARGENTINA (1897-1898)

Bruno Pereira de Lima Aranha (Unirio)

### RESUMO

Este estudo consiste numa proposta de análise do relato de viagem realizado pelo argentino Florencio de Basaldúa, que se dirigiu à fronteira Brasil-Argentina entre 1897 e 1898. O intuito do presente estudo é desenvolver uma maior compreensão sobre a visão que o autor mantinha sobre essa região de fronteira. Para analisar este espaço, utilizamos os conceitos de “Borderland” (Herbert Bolton) e da História Espacial (Paul Carter), ampliando assim a ideia de considerar a fronteira somente como uma linha demarcatória. Naquela altura a fronteira política que estava por ser demarcada pelos políticos do Rio de Janeiro e Buenos Aires fazia pouco sentido para a maioria das populações que ali viviam no espaço onde hoje se encontra a província de Misiones (Argentina) e as regiões oeste dos estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul

**Palavras - chave:** Fronteira, Relatos de Viagem, Borderland, Historia Espacial

### A FRONTEIRA COMO UM ESPAÇO HÍBRIDO

O imaginário sobre a fronteira era algo comum às novas nações americanas recém independentizadas do controle metropolitano europeu no século XIX. Foi o momento onde alcançaram a tão almejada emancipação política. Nesse novo cenário, outro problema era colocado: como seria possível ocupar os vastos espaços herdados dos antigos poderes coloniais?

Sendo assim, o tema da fronteira era um ponto chave para a construção das nações americanas, especialmente para os novos países dotados de uma grande extensão territorial, como era o caso dos Estados Unidos na América do Norte, e de Brasil e Argentina, ao sul do continente. No caso estadunidense, foi a fronteira que deu legitimidade à identidade nacional do país através da expansão da colonização rumo ao oeste.

O caso da Argentina não diferia da nação do norte, a herança do poder metropolitano, essencialmente concentrado na costa atlântica, era um problema a ser resolvido pela ocupação de suas fronteiras internas, o que poderia possibilitar a solidificação de seu projeto de Estado. O cenário intelectual novecentista na Argentina fervilhava em torno dessa questão.

A dicotomia civilização e barbarie, pensada por intelectuais

como Domingo Faustino Sarmiento e Juan Bautista Alberdi, desembocava no debate sobre como ocupar o extenso “deserto” argentino e as fronteiras abertas, tanto ao sul, como ao norte de Buenos Aires, local representativo da herança metropolitana espanhola na costa atlântica. Para esses intelectuais, os ideais da cidade e as luzes da civilização deveriam vencer o atraso do “deserto” e da “barbárie” de seus habitantes. O branco civilizador teria a missão de povoar o “deserto argentino”, que na verdade já estava ocupado por *gauchos*, indígenas e mestiços, o que para estes homens representava a barbárie, que deveria dar lugar à civilização. Segundo Alberdi, “*gobernar es poblar*”, e seria necessário povoar o país, preferencialmente, com elementos europeus. (SARMIENTO, 2007) (ALBERDI, 2013)

Eram, portanto, intelectuais ligados à elite portenha que enxergavam o crescimento do país no final do século XIX como um “Destino Manifesto Argentino” de levar a civilização para as áreas de fronteira. (ÍSOLA, 1996, p. 121)

O contexto da expansão das fronteiras internas na Argentina guardava uma particularidade dentro do contexto americano. O processo de avanço da fronteira oeste dos Estados Unidos atingiu seu limite final na costa oeste, chegando assim ao Oceano Pacífico. Tal conjuntura implicou em uma disputa por território envolvendo Estados Unidos e México na costa oeste. Tendo vencido o litígio, o projeto estadunidense não encontrou qualquer rival ante a expansão de sua fronteira. No caso argentino, o seu projeto de expansão da fronteira entrou em choque com o projeto brasileiro no final do século XIX. Em dada circunstância geográfica as duas nações disputaram qual projeto iria dominar o espaço litigioso.

Utilizaremos nesse estudo o conceito de espaço em detrimento de território, no sentido de realizar uma crítica ao olhar pré-determinado que configura a região analisada como um espaço já dado e definido. Na verdade, ele não existe a priori, é resultante da ação de diferentes olhares que não estão isentos de intencionalidade e controle. Para Bourdieu, é o “poder simbólico” que se projeta para um determinado espaço que, em no caso do presente estudo, viria a se tornar partes de Brasil e Argentina. (BOURDIEU, 1989)

O espaço o qual trataremos nesse estudo localiza-se onde hoje está a província de Misiones e o norte da província de Corrientes, no nordeste argentino, região fronteira ao Brasil e ao Paraguai. Para analisar esse espaço,

utilizaremos o conceito de “borderland.” Tal conceito amplia a ideia de fronteira, não se trata apenas de uma linha demarcatória, trata-se de uma região de contato entre diferentes tipos de sociedades.<sup>1</sup> Portanto, o espaço analisado por nós era um mundo fronteiriço dotado de diversas fronteiras. Naquela altura a fronteira política recém-demarcada pelos políticos do Rio de Janeiro e Bueno Aires fazia pouco sentido para a maioria das populações que ali viviam.

Ressaltamos que não se trata de simplesmente transportar o conceito de borderland para esse determinado espaço sul-americano. Adelman e Aron, historiadores estadunidenses que trabalham com o conceito, ressaltam que a respectiva tese não deve ser restrita ao contexto da América do Norte. Eles próprios abrem a questão para outras borderlands em outras áreas do continente americano como um todo.<sup>2</sup>

Esse espaço fronteiriço configurava-se em uma borderland desde os tempos coloniais, onde espanhóis, portugueses e indígenas travaram contato em meios às disputas pelo poder na região. Disputas que se tornaram ainda mais acirradas devido à presença dos jesuítas desde o final do século XVII até o ano de 1767, quando foram definitivamente expulsos pelas duas coroas ibéricas<sup>3</sup> A demarcação da fronteira entre Portugal e Espanha na região do Alto Uruguai<sup>4</sup> foi delimitada em 1777 com o Tratado de Santo Ildefonso, fronteira essa que foi herdada por Brasil e Argentina. A região do Alto Paraná<sup>5</sup> foi objeto de litígio fronteiriço até o ano de 1895, quando foi assinado o Tratado de Palmas.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> O historiador estadunidense Frederick Jackson Turner já havia elaborado o conceito de fronteira como região em seu artigo intitulado “O significado da fronteira na História Americana”, publicado em 1893. (TURNER, 2004) Herbert Helgene Bolton foi um aluno de Turner que revisou a tese do seu mestre, ampliando a ideia de região para um mundo intercultural de contato entre diversos tipos de sociedade, tratava-se, portanto, de uma “borderland”. Em seu estudo, enfatizou as relações entre ingleses, franceses, espanhóis, estadunidenses, mexicanos e as nações indígenas da América do Norte. Na concepção deste autor, não se tratava apenas do avanço da colonização branca-europeia proposta por Turner. (RATTO, 2001, pp. 115-116) (ADELMAN & ARON, 1999)

<sup>2</sup> “By no means were the Great Lakes, the Missouri Valley, and the Rio Grande the only American borderlands. Florida, Central America, the River Plate, and northeastern Brazil could almost as easily have been included in our pantheon of case studies”. (ADELMAN & ARON, 1999, p. 817)

<sup>3</sup> As missões jesuítas acabaram por gerar a nomenclatura da região que passou a ser conhecida como Misiones.

<sup>4</sup> Região fisiográfica onde o rio Uruguai se tornou o limite entre Brasil e Argentina.

<sup>5</sup> Região fisiográfica onde o rio Paraná e os rio Iguaçu e Santo Antônio, seus afluentes, demarcam a fronteira entre Brasil e Argentina. Entre a nascente do Santo Antônio e a nascente do rio Peperi Guazu, afluente do rio Uruguai, existe uma faixa de fronteira seca de 25 km, único trecho onde existe fronteira terrestre entre os dois países.

<sup>6</sup> Para resolver o problema do litígio fronteiriço entre os dois países, foi convocada uma arbitragem internacional sob o auspício do presidente dos Estados Unidos, Stephan Grover Cleveland, que arbitrou em favor do Brasil, assinando o Tratado de Palmas em 1895, o que fez que a Argentina abandonasse suas

No decorrer do século XIX tornou-se uma área de intensa exploração de erva-mate e madeira, tanto por parte de argentinos, como de brasileiros e paraguaios, em uma região de fronteira aberta e ainda indefinida, onde viviam populações indígenas guarani e kaingang, além de um grande contingente de população mestiça, que, se não vivia de maneira autônoma, alheia aos poderes estatais, estava envolvida na exploração de erva mate e da madeira.

Figura 1



Mapa argentino de 1892 onde o território de Misiones é representado adentrando em territórios que passaram a pertencer ao Brasil após o Tratado de 1895. Fonte: Instituto Geográfico Argentino: Atlas de la República Argentina.

A fronteira entre Brasil e Argentina foi demarcada em 1895, mas esse espaço não deixou de ter características de uma borderland, ambos os pretensões territoriais sobre a região.

países enviaram expedições científicas de reconhecimento muito antes da demarcação, sendo que elas continuaram ocorrendo até o início do século XX. Possuíam um objetivo muito claro de descrever e mapear a região e sua gente com o claro intuito de submeter formalmente o espaço e as populações aí residentes a seus respectivos projetos nacionais. Dentre a grande gama de viajantes que visitaram esse espaço fronteiriço, realizamos o recorte do relato de viagem do argentino Florencio de Basaldúa, intitulado *Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones*.

Como já foi aqui elencado, para além da atuação dos dois Estados nacionais nesse espaço, existia uma população que estava alheia a esses projetos. No entanto, essas pessoas também eram alvo do discurso desses viajantes, que não deixaram de projetar seus olhares sobre as mesmas.

Esse texto tem por objetivo analisar as visões do viajante, tanto sobre o espaço, como para com a sua gente. Nossa análise também valerá do aporte dos estudos pós-coloniais que aplicam a noção de colônia dentro dos espaços nacionais americanos, o que traz uma conexão com os relatos de viagem aqui analisados que fazem uma releitura do colonialismo e dos “descobrimentos” dentro do contexto do século XIX, um tipo de colonialismo interno praticado pelas novas nações americanas que buscavam integrar os seus cantos recônditos de fronteira ao sistema capitalista, o que pode estar associado à própria expansão do capitalismo e do neocolonialismo praticado pelas nações europeias na África e na Ásia. (ZUSMAN, 2010, p. 506) (SERJE, 2005, p. 16) (CARTER, 1987, pp. 136-137)

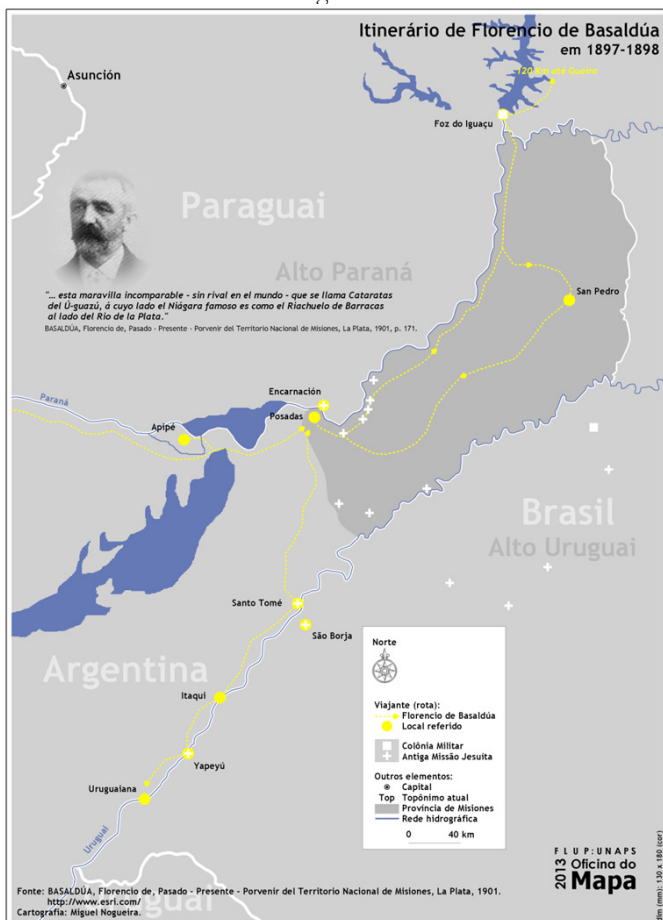
### **O VIAJANTE FLORENCIO DE BALSADÚA**

Nascido no ano de 1853, em Bilbao, região basca da Espanha, Basaldúa migrou para a Argentina aos 18 anos. Prontamente se converteu em um ator ativo da causa nacional argentina. Ao longo de sua vida, circulou ativamente pela alta sociedade portenha, era membro da Maçonaria Argentina e inclusive cultivou amizade com os presidentes Sarmiento, Roca, Sáenz Peña e José Figueroa Alcorta. Em 1910, o presidente Alcorta o designou Cônsul Geral Argentino em Calcutá na Índia. Basaldúa também realizou mensurações nas províncias argentinas de Formosa, Chaco e Misiones. No ano de 1900 foi designado governador interino do então Território Nacional de Chubut, na recém-ocupada Patagônia. (REGGINI, 2008, p. 16)

Teve grande interesse pelas Ciências Naturais e participou ativamente das atividades ligadas ao *Museo de Ciencias Naturales de Buenos Aires*, da *Sociedad Científica Argentina* e do *Instituto Geográfico Argentino*. Foi designado pelo governo como representante da Argentina nas Exposições Universais de Chicago (1893) e de Paris em 1900, tendo essa última como temática os produtos das províncias de Entre Ríos, Corrientes e Misiones. (REGGINI, 2008, p. 18 e 79)

A expedição que realizou a zona fronteiriça ocorreu entre o fim de 1897 e o início de 1898, contou com o patrocínio do Instituto Histórico Geográfico Argentino e teve como principal objetivo coletar produtos da região para serem expostos na Exposição Universal de Paris em 1900. Também foi lhe incumbida a tarefa de explorar o lago Iberá, local cercado por várias lendas e que o viajante tinha a missão de desvendar através do mais preciso rigor científico.

Figura 2



## IMAGINANDO O ESPAÇO FRONTEIRIÇO

O relato sobre essa borderland dá margem para pensarmos o espaço descrito como um território imaginado, que ainda não está consolidado. O discurso do viajante possuía a intenção de criar um sentido para a fronteira recém-demarcada. Quando se propõe a narrar os espaços percorridos, está, na verdade, realizando um esforço para legitimar seu projeto de nação sobre um espaço que ainda não lhe pertence. Existem as pessoas, os acidentes geográficos e a paisagem, no entanto, na concepção do viajante que vêm de um centro de poder (Buenos Aires), algo estava fazendo falta: a presença efetiva da nação.

Partindo do pressuposto da “história espacial” de Carter, o ato de nomear os lugares pelos quais o viajante percorre, serve como um recurso eficiente para legitimar poder e controle político sobre a região descrita. Dentro da perspectiva do referido autor, a história do espaço realiza uma crítica em relação aos mitos imaginários de fundação dos lugares. Busca descortinar o mundo intencional dos textos dos viajantes e, pela ótica destes que relatam a região, analisa as transformações simbólicas pelas quais o passa o espaço. (CARTER, 1987, p. 137)

Carter analisou o processo de conquista e colonização da Austrália, para ele o apoderamento linguístico teria acompanhando todo esse processo. Não foi diferente para o caso do espaço fronteiriço por nós analisado. Balsaldúa saiu de Buenos Aires pela via do rio Paraná em direção ao então Território Nacional de Misiones.<sup>7</sup> Em seu trajeto por um espaço pretendido pelo governo portenho, mas que ainda não estava efetivamente “colonizado”, o viajante exerceu o papel de “descobridor” de novas paragens ao nomear diversos acidentes geográficos encontrados durante o seu percurso pelo rio:

*Costeando el Apipé-Guazú, enfrentamos una preciosa islã triangular, á la que impusimos el nombre de Ameghino, em honor del ilustre naturalista argentino. La isla Ameghino dista unos quince kilómetros al norte de Ituzaingó (...)*

*Pasado el Rápido del Carayá, á mitad de distancia de la Isla Júpiter, bautizamos dos islas muy hermosas que alli existen, con los nombres de Holmberg y de Ambrossetti, respectivamente, honrando los nombres de estos distinguidos naturalistas vinculados ahora por los lazos de la sangre: seguramente brotarán muchos islotes. (...)* (BASALDÚA, 1901, p. 27)

<sup>7</sup> O avanço das fronteiras internas da Argentina se justificava mediante a reorganização do sistema econômico argentino e consequentemente, da própria reorganização territorial, da qual Misiones fazia parte. Em 1881 Misiones foi separada da província de Corrientes e alçada a categoria de Território Federal, o intuito era que o governo de Buenos Aires exercesse uma administração direta sobre os territórios de fronteira.

Basaldúa imaginou essa geografia e exerceu tais nomeações em nome do projeto emanado por Buenos Aires, o que não significava que era um projeto estático e sem nuances. Essas nomeações nos revelam que, dentro do contexto do projeto nacional argentino, existia um grupo de intelectuais, que além do dever para com a pátria, expressavam um dever para com a ciência nacional que então dava seus primeiros passos. Holmberg e Ambrosetti eram cientistas argentinos que também realizaram expedições a Misiones, suas viagens exerceram total influência sobre Basaldúa. Florentino Ameghino era considerado um dos baluartes da ciência no país. Homenageá-los era uma demonstração de uma clara intenção do viajante em ser associado a esse grupo.

Dessa maneira, notamos que os valores assimétricos que norteavam as relações entre Europa e América são reinterpretados no contexto das novas nações americanas. Basaldúa é um europeu em solo americano que, no intuito de se tornar um americano legítimo, utiliza-se da antiga retórica europeia de poder nomear os lugares que por ventura venha a “descobrir”. Com a diferença que a referência não era mais a Europa, elegeu-se uma nova centralidade em Buenos Aires, e uma nova periferia localizada em Misiones. Tal fato representava a transposição da dicotomia centro-periferia para um novo espaço, que nesse caso era o da Argentina.

O que mostra que o projeto do viajante não é definitivo é o próprio fato dessas nomeações não terem sido legitimadas pelo próprio Estado argentino, uma geografia que ficou apenas na imaginação do viajante. No entanto, é importante salientar que o projeto de legitimação do Estado nessa borderland estava em curso. Outra nomeação exercida por Basaldúa, a da ilha Instituto Geográfico, também não foi reconhecida, mas a posse simbólica através do hasteamento da bandeira argentina nos revela muito sobre o projeto de maior amplitude que estava decorrendo:

*Al oscurecer llegamos á la isleta que bauticé con el nombre de Instituto Geográfico, en homenaje á la sociedad argentina de su nombre. Plantada en el centro, sólidamente amarrada á los arbustos que coronan la superficie, dejó una larga tacuara, donde flamean desde entonces los colores argentinos en la bandera que al efecto llevaba preparada. (BASALDÚA, 1901, p. 51)*

Ainda nessa mesma direção, o mapa confeccionado pelo viajante e apresentado ao Instituto Geográfico Argentino com as medições da trincheira San Miguel<sup>8</sup> traz uma representação de quatro ilhas batizadas com

<sup>8</sup> A trincheira San Miguel foi aberta pelo exército paraguaio durante a Guerra da Tríplice Aliança.



os nomes de suas quatro filhas. Tais nomes igualmente não perduraram, ainda assim os seus interesses particulares estavam em consonância com o projeto de “colonização” do Estado Argentino. Apresentar suas filhas como argentinas legítimas, jogava por terra a sua identidade europeia e engrandecia a sua identidade argentina:

*Las cuatro islas á que alude este telegrama, cuyos planos y perfiles están dibujados en los grabados 9 y 10, llevan los nombres familiares de mis cuatro hijas. Perdónese el cariño de padre en obsequio á mi deseo de vincular mis buenas acciones á la memoria de mis hijas argentinas, que asociadas así, estimularán su inteligencia para ser más y más dignas hijas de esta patria. (BASALDÚA, 1901, p. 54)*

Figura 3



Fig. 6. Plano del Rincón de Santa María (Salto de Apipé)

© Biblioteca Nacional de España

Mapa confeccionado por Basaldúa onde aparece o rio Paraná e o Lago Iberá. As ilhas flúvias são representadas pelos nomes que o prório viajante criou. Fonte: (BASALDÚA, 1901, p. 36)

Figura 4

— 46 —



Fig. 9. Planimetría de la Trinchera San Miguel

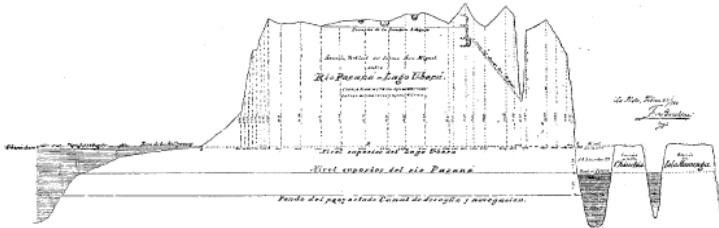


Fig. 10. Altimetría de la Trinchera San Miguel

Mapa onde estão representadas as quatro ilhas batizadas com os nomes das filhas de Basaldúa. Fonte: (BASALDÚA, 1901, p. 46)

O fato de o viajante estar sob a influência do projeto emanado por Buenos Aires, não anulava outras possíveis nuances. A todo o momento ele se deparava com a toponímia guarani dos pontos percorridos, era impossível ficar alheio a essa questão. Antes de querer nomear os lugares, eles já eram conhecidos pelos locais através de nomenclaturas próprias que estavam alheias às influências portenhas. Sendo assim, Basaldúa acabou por creditar os nomes guaranis utilizados pelos locais, tal conjuntura representava um fissura no projeto civilizador, que não era um processo acabado de dominação. Através do discurso do próprio dominador, é possível detectar essas nuances. Foi assim quando esteve na região do Alto Uruguai, próximo à costa brasileira:

*Desde la cumbre, constaté nuevamente que son cuatro los cerros, y no tres como están consignados en los mapas, y en memoria de la unión fraternal que en esos días se sellaba entre cuatro repúblicas hermanas, por iniciativa del Presidente argentino que visitó a los de Chile, Oriental y Brazileño, bauticé con los nombres de los cuatro magistrados los cuatro cerros hasta entonces sin título en las cartas geográficas.*

*Si el Instituto Geográfico Argentino se digna confirmar el bautismo de su socio honorario, en el futuro, los cuatro cerros perpetuarán la unión de cuatro pueblos con los nombres de sus cuatro magistrados principales: Errazúziz primero, Campos Salles después, Julio Roca en seguida y Cuestas el último, al extremo de la sierra hacia el oeste.*

*Un indio anciano, un viejo centenario, nacido en aquel pago, interrogado por mí*

*sobre si la sierra tenía nombre indígena, me contestó con una sola frase: Ita-tú, es decir, penhascos muchos.*

*Y añadió en guaraní para afirmar su dicho: «che-co cherubicliá a cacujá bacuc coas itá tempý», que significa: señor, yo he nacido entre esas piedras.*

*Conservaremos pues, para la sierra entera, su viejo nombre indígena, no solamente porque Ita-tú describe con toda exactitud la formación geológica de aquella sierra rocallosa, si que también en homenaje al pueblo guaraní, despojado de todo cuanto amaba, pero cuyo idioma subsiste todavía y es bueno conservar. (BASALDÚA, 1901, p. 90)*

Embora tenha salientado que eram os nomes dos presidentes sul-americanos que deveriam prevalecer – e que, mais uma vez, não prevaleceram-<sup>9</sup> é importante frizar o interesse de se estudar a etimologia guarani por parte de Basaldúa. No entanto, sua preocupação não era exatamente a de dar voz ao povo guarani. Influenciado pelas questões evolucionistas de seu tempo, acreditava que o idioma guarani, diante do avanço inevitável do processo civilizador, estava fadado ao desaparecimento. Tal conjuntura vem à tona quando utilizou as expressões “*Homenaje*” e “*idioma subsiste todavía*”. No entanto, seus registros nos dão várias pistas a respeito da história espacial do lugar.

O viajante realizou suas respectivas projeções sobre a borderland, sempre mapeando e demarcando o espaço como pertencente ao seu projeto de nação, mas não era apenas o espaço que deveria ser ocupado e dominado. As populações que lá residiam também eram alvo de suas projeções.

## UM OLHAR SOBRE OS FRONTEIRIÇOS

O espaço por nós analisado era povoado por uma sociedade híbrida. Desde os tempos coloniais, era uma zona de contato entre os dois projetos imperiais ibéricos. Durante o século XIX era um mundo à margem dos novos Estados nacionais herdados das duas coroas, uma sociedade essencialmente composta por indígenas guaranis e kaingangas, além de um contingente de população mestiça que vivia completamente à margem dos poderes estatais.

O historiador e crítico literário brasileiro Temístocles Linhares cunhou o conceito do “quarto país” para designar as regiões ervateiras do Brasil, Argentina e Paraguai como um território à parte e desconectado dos três Estados nacionais. (LINHARES, 1969) Nesse mesmo sentido, o antropólogo

<sup>9</sup> Os nomes atuais dos cerros são “Nazareno”, “Capará”, “Chico” e “Pelón.

-historiador argentino Roberto Abínzano afirma que a região “[...] era un mundo aislado, sin controles, donde muy pronto comenzaron a regir unas leyes sui generis a pesar de los esfuerzos de los respectivos gobiernos”. (ABÍNZANO, 2010, p. 25) O escritor argentino Alfredo Varela vai no mesmo sentido, dando apenas uma nomenclatura diferente para essa borderland: “¿Pero quién habla de patrias, aquí? Sólo cabe un país, una sola tierra, una patria común. Este gigantesco paralelograma de cinco mil leguas, que es la patria de la yerba mate: el Alto Paraná.” (VARELA, 2008)

Da mesma maneira que era difícil cunhar algum tipo de classificação para essa região de fronteira, os agentes estatais provenientes de Buenos Aires e Rio de Janeiro também cunharam uma diversidade de expressões para descrever as populações que aí se encontravam. No caso dos argentinos, além da categoria genérica de “misionero”, também aparecem as seguintes categorias: *gaucho* (concentrados na região do Alto Uruguai), peon, jinete e baqueano.<sup>10</sup> Todas essas categorias abarcavam tanto os indígenas que estavam ligados às atividades de pastoreio ou de exploração de madeira e erva-mate, quanto à população mestiça que de dedicavam a essas mesmas atividades. No caso dos indígenas que viviam à parte dessa dinâmica, eram considerados como “selvagens” ou “sem algum grau de civilização”.

A problemática do distanciamento ou da aproximação para com o outro, desembocam na questão da alteridade. Para Tzvetan Todorov - estudioso da temática- a construção de uma identidade só existe a partir de uma premissa de comparação do “eu” com o “outro”. (TODOROV, 1983) Sendo assim, confrontar o outro fronteiriço era parte de um processo que legitimava a identidade do próprio viajante.

Ainda que fosse partidário do projeto argentino de “europeizar” a região de fronteira, inevitavelmente, Basaldúa tomou contato direto com a realidade do espaço e de sua população, essencialmente indígena e mestiça. A questão que norteava o seu tempo era a seguinte: Como integrar essas pessoas ao projeto nacional argentino?

No caso dos indígenas guaranis, o viajante nutriu um grande interesse, estudou seu idioma e, dentro da perspectiva evolucionista do período, enxergava claramente a possibilidade de nacionalizá-los. Projetava para eles a

<sup>10</sup> O conceito de gaucho possui uma diversidade de significados ao longo do tempo, em Misiones do século XIX, era sinônimo de bandido. (ABÍNZANO, 2010, p. 48) Na América espanhola, jinete faz referência a pessoa que realiza trabalhos à cavalo. Baqueano é um término utilizado nos países hispânicos para designar uma pessoa conhecedora dos caminhos de uma região a que habitualmente pertence.

nacionalidade argentina, mesmo sendo um objeto totalmente estranho aos mesmos. Para legitimar seu discurso, evocava San Martín, um dos heróis da independência argentina, realizando um esforço de ligar o libertador ao povo guarani.<sup>11</sup>

*(...) los guaraníes (...) son los actuales correntinos, los más argentinos entre todos los argentinos de la República, si hemos de juzgar del patriotismo de los hombres, por la sangre derramada en mil combates, para crear la independencia primero, con el guaraní San Martín a la cabeza, y después, para conservar la integridade del territorio amenazada por las seides de Artigas unas veces, por las de Solano López otras, y en época anterior por los feroces Mamelukos que invadieron Misiones y Corrientes arrasándolo todo á sangre y fuego. (BASALDÚA, 1901, p. 32)*

Tal postura valorativa a respeito dos guaranis caminhava no sentido de prepará-los para serem “absorvidos” pelo projeto nacional argentino. Dentro de uma ótica positivista, a identidade guarani seria inevitavelmente sobrepujada pelo ideal mais forte que era o da nação albiceleste idealizada por Sarmiento:

*Guaraníes (...) aman con amor profundo el idioma de sus padres, pero aman también íntensamente el suelo que habitan — como dejo demostrado—y ellos me inspiran el más profundo respeto, la más sincera estimación.*

*Enséñese en buena hora el griego y el latín — idiomas •muertos — y surjan las escuelas italianas en el patrio suelo; pero consérvese el guaraní (...), idiomas vivos, idiomas maternos de centenares de miles de argentinos, sin perjuicio de imponerles también á unos y á otros el idioma nacional.*

*Es misión de los maestros de escuela.*

*De aquí diez años., gracias á la benéfica influencia de los profesores normales de las escuelas (...) de Misiones todos sus habitantes hablarán el idioma nacional, y al fundirse las diversas razas, gracias al idioma común, se habrán realizado los ideales del gran maestro Domingo Faustino Sarmiento. (BASALDÚA, 1901, p. 33)*

O pensamento evolucionista de Basaldua é latente e estava em consonância com seus pares intelectuais argentinos. A carga cientificista é tamanha que, influenciado pela ótica darwinista, aplicou a prática de selecionar as raças de gado para o caso dos seres humanos, numa clara alusão ao possível melhoramento da raça nacional. Nesse sentido, a raça guarani estava fadada ao

<sup>11</sup> Os registros da vida de San Martín não acusam uma possível origem guarani. No entanto, desde o século XIX que se especulava que o libertador tinha uma possível origem indígena pelo lado materno, por isso Basaldua justificava seu argumento. A pesquisadora argentina Karina Bonifatti acredita que sua mãe era Rosa Guarú, uma guarani que vivia em uma missão jesuítica. (BONIFATTI, 2010)

desaparecimento, iria sucumbir diante da chegada de raças “superiores” provenientes da Europa. Misiones, a exemplo das outras regiões periféricas do país, teria que receber imigrantes para “purificar” a sua gente e chegar a um tipo nacional ideal. O exemplo a ser seguido era o que estava sendo realizado pelos Estados Unidos na sua fronteira oeste.

*Nuestros grandes estancieros practican, sin saberlo ó sabiéndolo, la ley Darwiniana de la selección de las especies. Aquel tipo de oveja, de vaca y de caballo criollo, de escassa y gruesa lana la una; cuerno, cuero y hueso la otra; cabezón y pequeño el otro, no existen ya. El merino y el Rambouillet por un lado, el Durban y el Herresford por otro, el árabe y el perdieron etc., etc.... importados en pequeñas cantidades, á crecidos precios, han hecho el milagro de aumentar las condiciones buenas de lanas, carne, velocidad y resistencia, enriqueciendo á la república en sumas fabulosas, y permitiendo al país concurrir y, en algunos casos, vencer á los competidores extranjeros. Todo esto en veinte años de selección.*

*El gobierno argentino, ó el Gerente de marras no perderían nada, dedicando su atención á mejorar nuestro tipo nacional, seleccionando lo mejor de lo mejor entre los pueblos inmigrantes.*

*Norte América puede servir de modelo en este caso.* (BASALDÚA, 1901, p. 33)

Além dos guaranis no sentido stricto sensu, Basaldúa também tomava contato com um grande contingente de população mestiça ou de guaranis aculturados. Eram os “peones” do Alto Paraná e os “jinetes” do Alto Uruguai. A relação dele para com os locais caminhava sempre num sentido assimétrico, de colocar-se como representante de uma raça superior proveniente de Buenos Aires. Seria pela via da ciência que legitimaria suas ações e provaria a ignorância dos habitantes locais. Para ele, os missioneiros estavam afundados no mundo da superstição e da ignorância, o que era um entrave para o desenvolvimento da região. Quando esteve na região do Lago Iberá, realizou um grande esforço para desmistificar as crendices locais e explicá-las através de uma lógica científica:

*No es, pues, extraño que los pobres indios incapacitados de penetrar al interior de la laguna U-berá,<sup>12</sup> á causa de los tembladales que circuyen sus orillas, inventaran seres fantásticos para llenar ese inmenso hueco que se llama U-berá.*

<sup>12</sup> Basaldúa registrou de uma maneira diferente os nomes das localidades cuja nomenclatura tivesse origem no idioma guarani. Assim, Iguazu é referenciado com U-guazú. O mesmo acontece com o nome da lagoa de Iberá, que é registrada como U-berá. Basaldúa justificou essa postura, aclarando que era necessário restabelecer o fonetismo guarani que explica etimologicamente o significado dos nomes das localidades. (BASALDÚA, 1901, p. 7)

*Tembladerales son los restos de islas flotantes encalladas en la orilla, que poco á poco avanzan al interior de la laguna, haciendo peligrosa su aproximación.*

*(...)Las haciendas vacunas y yeguarizas huyen instintivamente del peligro de los tembladerales. Pero el homo sapiens que carece de ese instinto previsor, y todo lo fia á su sabiduría, penetra al galope de su caballo recogiendo hacienda ó ejecutando otras faenas, pisa el caballo en partes donde la costra superior es muy delgada, incapaz de resistir el peso de hombre y bruto, y. .. el abismo los traga, cerrándose la verde maraña sobre sus cabezas!!!*

*Cuando á la caída de la tarde no vuelve el jinete hacia su rancho, su pobre esposa, sus hijos y algún fiel compañero, siguiendo el rastro del amado ausente, llegan hasta el tembladeral, donde la buella desaparece. Allí encuentran, á veces, el rebenque ó el sombrero del jinete, y en su triste aflicción y en su ignorancia ¡¡¡el monstruo!!! ¡¡¡el curiyú se lo ha tragado!!! exclaman, y vuelven á llorar su orfandad al enlutado hogar.*

*El curiyú es una culebra acuática enorme, de diez metros de largo por treinta centímetros de diámetro, que habita em los embalsados ó islas flotantes del Ú-berá.*

*Esa es la causa de las supersticiones terroríficas del Ú-berá, y las que han impedido la exploración de la laguna. (BASALDÚA, 1901, pp. 40-41)*

A descrição que realizou de sua exploração pelo lago Iberá é um típico relato científico concernente com o seu tempo, sempre demarcando a sua relação com o outro, tratado como ignorante e supersticioso. Para o viajante, os instintos “selvagens” dos locais tampouco poderiam ser “domados”, nem mesmo os soldados, que eram mestiços, seriam capazes de se submeter à hierarquia militar trazida da Europa. O passado jesuítico também era evocado para designar o local como atrasado. Dentro da lógica positivista, era um passado que deveria ser ultrapassado, mas que ainda subsistia nas margens do Iberá.

*En nuestros días, en la aurora del siglo XX bencido de promesas de civilización, hay todavía muchas damas y caballeros que van á consultar adivinas; que creen en jettaturas, y para quienes es infausto el número 13, obedeciendo á estúpidas supersticiones(...) reminiscente de edades de barbarie y de ignorancia.*

*Fenómeno análogo observé entre la mayor parte de los vecinos que habitan las riberas del U-berá,*

*(...) Puede decirse que el Ú-berá es todavía un lago de jesuítas.*

*Tuve ocasión de hacer estas observaciones, cuando conducida mi canoa desde el Paraná, hube de elegir los hombres que debían acompañarme á navegar el Ú-berá.*

*Aquellos hombres que en mí veían su jefe militar, y á quienes la disciplina obligaba á obedecer, influenciados por las supersticiones que rodean la misteriosa laguna U-berá, mostrábanse poco dispuestos á embarcarse en la canoa: algunos se fingieron enfermos, y otros, los peones que llevaba á sueldo, cobraron su dinero y desertaron. (BASALDÚA, 1901, p. 50)*

A alteridade também se manifestava no ato de registrar a fala do outro, uma mescla de espanhol e guarani, que em sua concepção era um dialeto bárbaro e fadado ao desaparecimento. Assim se expressava, quando, irritado, teceu comentários direcionados “aquela gente” que o alertava para o perigo do “monstro do Iberá”: *“Pues empezaba á fastidiarme en grado sumo el plañidero refrán de aquella gente: < ¡ ¡ El curiyú!! No vas al Ü-berá, che carai!! (BASALDÚA, 1901, p. 51)*

A tônica de desprezo muda somente quando algum local o acompanha em sua empreitada científica. Nesse caso, há uma aproximação entre o bárbaro e o civilizado. Basaldúa demonstra estima pelos homens que o acompanharam na expedição. Um dado importante para a nossa análise reside no fato de que essas pessoas foram nomeadas pelo viajante, foram reconhecidos como personagens importantes em seu relato. No entanto, a relação assimétrica não desaparece por completo, a maneira como registra a fala de Martínez é um dado importante, o misionero dirigia-se a Basaldúa utilizando a expressão “burubichá”, palavra guarani que expressa liderança.

*(...) el cabo Zarate, y Cirilo Martínez, se ofrecieron para ir conmigo en la canoa. (...)*

*Una voz débil, articulada apenas, llegó á mis oídos juntamente con el leve movimiento de un brazo que se apoyaba sobre el mío. Era mi buen compañero que, señalándome un punto que brillaba en las lejanías del horizonte del Ü-berá, hacia el nordeste, con voz en que temblaba la emoción —¡burubichá, me dijo «el fuego de las islas!»—agregando en el mismo tono «¡la campana de la iglesia!» Me incorporé, tomé el anteojo y traté de explorar los contornos de la luz que brillaba allí en las profundidades de la noche. Agucé cuanto pude mis oídos, y un momento después oí el lejano vibrar de un tañido. ¿Qué era aquello? Y en el momento en que iba á pedir nuevos datos á Martínez, Zarate se incorporó diciéndome: «Señor ¿allí, lo vé usted? allí brilla un fuego en otra isla. Debe ser, agregé, la Isla de los jesuitas, porque veo otros fuegos cerquita del primero.» Dirigí segunda vez mi anteojo al horizonte, y consultando mi brújula, comprendí la procedencia de los fuegos. Ordené á Martínez que anclara de popa y proa la canoa, de tal manera” que la quilla, mantenida em quietud por los anclotes, quedase en línea recta con el fuego que él vio primero. Llamé después á Zarate á mi lado, le mostré con la brújula en la mano, y el plano extendido em mis rodillas, el rumbo de los fuegos que él vio; y como cabo de línea, y como tal, despierto, al momento entendió de lo que se trataba. (BASALDÚA, 1901, pp. 51-52)*



A fala de Zárate era referente à lenda da ilha dos jesuítas, considerada por Basaldúa como uma mera superstição. O viajante, por sua vez, tentava dar uma explicação científica para o fenômeno. Tal procedimento não seria somente para a sua própria satisfação pessoal, ele acreditava fazer parte de um ideal maior que era o projeto nacional argentino. Nesse sentido, era uma oportunidade para que seus subordinados na expedição obtivessem algum grau de “ilustração” ao conhecerem o verdadeiro sentido do fenômeno. Tal postura não deixava de manter seu olhar assimétrico para com o outro, o viajante continuava sendo o senhor da razão que “concedia” alguma ilustração para as pessoas que julgava como inferiores.

*Volvimos á dormir sin que nada turbara ya la paz de á bordo. Cuando al apuntar la aurora, me pasó Martínez el primer mate, me dijo sonriente: «Gracias burubichá, tú sabes mucho; aquel fuego que vi era el de un Puesto de Valle, y el que Zarate vio, fué el de las rancherías de Ituzaingó; y lacampana... añadió, medio abatado, era el cencerro de la yegua de una comadre mía.»*

*Dos almas, por lo menos, no creerán nunca más en las supersticiosas consejas de islas flotantes pobladas, ni en campanas de jesuítas tañendo en las islas del Ú-berá: cayó la venda de sus ojos. (BASALDÚA, 1901, p. 53)*

Como já foi visto anteriormente, no momento em que Basaldúa nomeou os três cerros na região do Alto Uruguai, também creditou as nomeações guaranis para o referido local. De certa maneira, indiretamente, acabou por registrar a voz do outro, ainda que tais falas estivessem filtradas pelo seu discurso. Indo nessa mesma direção, quando esteve no Alto Paraná, registrou a voz de protesto dos locais que estavam alheios ao seu discurso, seja ele de cunho científico ou de teor nacionalista. Para essas pessoas, seus próprios costumes eram mais importantes do que um discurso proveniente do “estrangeiro”. Quando Basaldúa passou pelo local de devoção à virgem de Itacua, teceu críticas aos locais que afirmavam ver a imagem da santa em um determinado buraco do lugar: “¿Porqué hacer intervenir fantasmas supersticiosos en hechos que pertenecen al dominio de la ciencia?” (BASALDÚA, 1901, p. 112)

Ao endagar uma senhora misioneira, dizendo que ele próprio não enxergava nada ali, obteve a seguinte resposta, registrada por ele mesmo em seu relato: «Para ver á la Virgen hay que tener fé. Tú no la ves, ni tampoco ninguno de los señores ricos que vienen de Buenos Aires, pero la veo yo, y con los ojos cerrados.» (BASALDÚA, 1901, p. 111)

O viajante acabou por registrar o distanciamento de uma habitante do espaço misionero em relação a alguém que vem de fora, de uma região estrangeira, ou seja, essa senhora não estabelece um vínculo comum entre o seu mundo e o lugar de origem do forasteiro. Não se incluiu na “comunidade imaginada” argentina. O que não deixa de ser uma resposta dos habitantes locais em relação às projeções vindas de Buenos Aires que os julgavam como parte de uma nação comum, a qual os misioneros não reconheciam, não se sentiam parte desse projeto idealizado de nação.

Outro dado importante é que esse fato ocorreu na margem direita do Paraná, já em território paraguaio. O viajante não teve o cuidado de registrar esse fato, não fez questão de distinguir as duas margens do rio. Embora cada margem, na teoria, pertencesse a um país, o fato de a peregrinação atrair pessoas de ambos os lados, colocava a região na condição de uma zona de contato, portanto, uma borderland, onde a fronteira política fazia pouco sentido. E, nesse momento, nem para o viajante tal linha demarcatória fazia sentido, era um mundo à parte, mas que não deixava de ser alvo de suas projeções que olhavam o lugar como um espaço a ser dominado.

### O OUTRO LADO DA FRONTEIRA: UM OLHAR SOBRE OS BRASILEIROS

São várias as referências que Basaldúa dirige aos brasileiros no decorrer de seu relato. Tomemos como exemplo, o momento em que desqualifica uma mulher misionera que, a seu ver, vestia trajes impróprios, o que poderia ser mal visto pelo “culto povo brasileiro”: *“basta en estas regiones semisalvajes donde las mujeres se conforman con el tipoy para cubrir sus desnudeces, hay que tener en cuenta la vecindad de un pueblo tan culto como el brazíleros”*. (BASALDÚA, 1901, p. 108) (grifo do autor)

O projeto de ocupação da fronteira, por parte do governo brasileiro, seria um exemplo a ser seguido pela Argentina, cuja fronteira, todavia, seguia deserta de povoamento e de civilização, assim registrou:

*Una línea de vapores brazíleros navega todo el Alto Ú-guazú, desde Curitiba, ciudad capital de la provincia do Paraná, hasta las cercanias del rio Oiarbide que hoy décimos San Antonio-guazú, donde existen otras cataratas. El ejemplo progresista de los brazíleros merece ser imitado por los argentinos, cerrando el circuito froterizo con vapores que testimonien la civilización argentina en las puertas mismas del desierto.* (BASALDÚA, 1901, p. 171)

Resulta importante lembrar que, em suas andanças pelo Alto

Uruguai, teceu ponderações a respeito da presença das colônias militares brasileiras na fronteira, sinalizava assim que, os argentinos estariam ficando para trás na corrida pelo proceso civilizatório na região.

En la margen izquierda, se levanta San Borja, linda población brasileña, que guarda las ruinas de una antigua misión de los jesuitas, que no pudimos ver, porque tan sólo demoraba el vapor breves minutos. Conservamos en la retina la visión del panorama de San Borja, toda blanca, las casas blancas, rodeadas de naranjos en flor, cuyos blancos azahares aumentan la impresión del albo cuadro, perfumando el ambiente con sus emanaciones agradables

(...) Itaquí es el centro brasileiro de mayor importancia que hemos visto — tan sólo Uruguayana le es comparable — pues tiene ocho mil habitantes de población urbana, un territorio departamental de ciento ochenta leguas cuadradas, y su comercio de importación y de exportación alcanza la enorme suma de mil contos de reis, todos los años.

Aprovechando que el vapor pernoctaba en aquel puerto, fuimos á visitar el arsenal de guerra, donde el señor ingeniero director, teniente E. Gómez Ferráz, con esa cortesanía brasileira que revela la cultura de las clases dirigentes de aquel pueblo, nos hizo ver los talleres y depósitos.

Quedé admirado.

No hubiera creído nunca que á orillas mismas del bosque misionero, casi en las fronteras del desierto, hubiera una instalación completa, dotada de modernas maquinarias, con personal numeroso y competente, dirigido por hombres preparados, en donde se construyen barcos de guerra, todas las maquinarias propulsoras, y donde se funden fusiles y cañones de sistemas modernos con toda perfección.

Ahora me explico cómo puede existir en el Alto Uruguay la escuadrilla de guerra brasileira, puesto que allí mismo tienen los astilleros y todos los elementos necesarios.

Tal vez no esté lejano el día, en que hasta el hierro mismo y el acero sean fundidos allí, porque también existe el hierro titánico que he citado en el capítulo anterior, cosa muy natural, pues la provincia casi entera de Rio Grande do Sud pertenece á la formación guaraníca de Misiones.(BASALDÚA, 1901, pp. 85-86)

Também é digno de nota a sua ideia de construção de uma ponte que conecte os dois países nas Cataratas:

*El Promontorio Errekaborde de la orilla opuesta, Argentina, avanza en frente á unos ochenta metros de distancia, esperando sin duda la acción del gobierno ó de un*

*hombre de genio, que, colgando un puente sobre el abismo, vincule materialmente las naciones hermanas — unidas ya políticamente por gloriosas tradiciones, por comunes sacrificios en los campos de batalla, y por lauros disputados en los torneos de la ciencia — para marchar unidas en el futuro, á vanguardia de todos los pueblos sud-americanos, á la conquista de ideales nobilísimos que la humanidad ha confiado al esfuerzo de la civilización americana.* (BASALDÚA, 1901, p. 147)

A respeito do que podemos chamar de “mitos de fronteira”,<sup>13</sup> a memória em torno da atuação dos bandeirantes paulistas na região durante o período das missões jesuíticas foi alvo de duras críticas por parte do viajante. Para ele, eram “*feroces Mamelukos que invadieron Misiones y Corrientes arrasándolo todo á sangre y fuego*”. (BASALDÚA, 1901, p. 32). Tal afirmação é oposta a toda uma memória construída no Brasil que qualifica os bandeirantes como heróis que expandiram a fronteira brasileira

O fato de Basaldúa rememorar tal mito fronteirço no passado histórico, nos dá uma ideia sobre como o contexto dessa borderland é importante para a compreensão do estudo da construção dos projetos nacionais brasileiro e argentino na virada do século XIX para o XX. Sendo assim, resulta importante que, novos estudos a respeito desses projetos, tendo a fronteira e o “espaço” como foco, venham a surgir no âmbito das historiografias de ambos os países.

## BIBLIOGRAFIA

- ABÍNZANO, R. (2010). El frente extractivo de yerba mate y maderá – Una actividad socioeconómica transnacional de la triple frontera. In: Â. NUÑES, M. PADOIN, & T. OLIVEIRA, **Dilemas e diálogos platinos – Relações e práticas socioculturais** (pp. 9-76). Dourados, 2010: Editora UFGD.
- ADELMAN, J., & ARON, S. (Junho de 1999). From borderlands to borders: empires, nation-states, and the peoples in between in North American. **The American Historical Review**, 104(3), 814-841.
- ALBERDI, J. (2013). **Bases y punto de partida para la organización política de la Republica Argentina**. Washington: Instituto Cato.
- BASALDÚA, F. (1901). **Pasado - Presente - Porvenir del Territorio Nacional de Misiones**. La Plata.
- BONIFATTI, K. (2010). **Madres de próceres. Partos que hicieron historia**. Buenos Aires: Ediciones B. Buenos Aires.
- BOURDIEU, P. (1989). **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel.
- CARTER, P. (1987). **The road to Botany Bay. An exploration of landscape and history**. Minneapolis: University of Minnesota Press.

<sup>13</sup> A historiadora argentina Hebe Clementi, em resposta aos historiadores estadunidense que creditam os “mitos de fronteira” apenas para o caso do oeste americano, defende que, tais mitos, também foram construídos no caso das historiografias do Brasil (bandeirantes) e da Argentina, tendo o gaúcho como um natural desbravador de fronteira. (CLEMENTI, 1994)

- CLEMENTI, H. (1994). National Identity and the Frontier. In: D. WEBER, & J. RAUSCH, **Where Cultures Meet: Frontiers in Latin American History** (pp. 141-150). Wilmington: Jaguar Books on Latin America Number 6.
- ÍSOLA, V. (1996). Semblanza de un hombre de Estado: Julio Argentino Roca, 1880-1914. In: H. Vázquez Rial, **Buenos Aires 1880-1930. La capital de un imperio imaginario**. Madri: Alianza Editorial.
- LINHARES, T. (1969). **História Econômica do Mate**,. Rio de Janeiro: Livraria J. Olympio.
- RATTO, S. (2001). El debate sobre la frontera a partir de Turner: La new western history, los bordelands y el estudio de las fronteras en Latino América. **Boletín del Instituto de Historia Argentina e Americana Dr. Emilio Ravignani**, 105-126.
- REGGINI, H. (2008). **Florencio de Basaldúa, Un Vasco Argentino**. Buenos Aires: Academia Nacional de Educación.
- SARMIENTO, D. (2007). **Facundo: Civilización y barbarie**. Buenos Aires: Centro Editor de Cultura.
- SERJE, M. (2005). **El revés de la nación, Territorios salvajes, fronteras y tierra de nadie**. Bogotá: Universidad de Los Andes.
- TODOROV, T. (1983). **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes.
- TURNER, F. (2004). O significado da fronteira na História Americana. In: P. KNAUSS, **Oeste Americano** (pp. 23-54). Niterói: Editora da UFF.
- VARELA, A. (2008). **El Río Oscuro**. Buenos Aires: Capital Intelectual.
- ZUSMAN, P. (2010). La alteridad de la nación. La formación del Territorio del Noroeste del Río Ohio de los Estados Unidos (1787) y de los Territorios Nacionales en Argentina (1884). **Doc. Anál. Geogr**, 56(3), 503-524.